

AMORES EXPRESSOS: LITERATURA BRASILEIRA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Doutoranda Rosana Corrêa Lobo

Resumo:

Esta comunicação busca refletir sobre como se configura hoje a representação do imaginário nacional na literatura brasileira e pensar se ocorre um possível fim deste ciclo, uma vez que, como parece indicar o projeto *Amores Expressos* (Companhia das Letras / RT Features), a nação já não ocupa mais o centro de um sistema de significação na nossa literatura. Busca-se ver como nos primeiros romances já publicados pelo projeto a representação da realidade local e de uma identidade unificada e homogênea abre espaço para uma representação cosmopolita de um mundo cujas identidades estão em crise.

Palavras-chave: literatura brasileira, identidade cultural, globalização e *Amores Expressos*.

No polêmico ensaio “A literatura do terceiro mundo na era do capital multinacional”, de 1986, o crítico americano Frédéric Jameson afirma categoricamente que os textos do terceiro mundo necessariamente projetam uma dimensão política na forma de alegoria nacional, retomando, obsessivamente, como um gongo, a questão da nacionalidade.

Em contundente resposta a este artigo, o crítico indiano Aijaz Ahmad, rebate um a um os argumentos de Jameson, dizendo, sobretudo, que não existe “uma literatura de terceiro mundo” que possa ser um objeto de “conhecimento teórico internamente coerente” (1988, p. 158-9) e que a generalização do crítico americano não passa de um “reducionismo de todo positivista” (Ibidem).

Um olhar atento para produção literária brasileira dos últimos anos em especial para o projeto *Amores Expressos*, da Companhia das Letras / RT Features, também aponta para a fragilidade do argumento de Jameson. Ao que parece, os escritores brasileiros vêm há muito rompendo com a tradição de representação do imaginário nacional na literatura, que teve seu auge no Romantismo e no Modernismo.

A condição de país colonizado impôs ao Brasil, sobretudo a partir de sua independência política, em 1822, a necessidade de se criar uma literatura diferente da transplantada de Portugal. Foi então, no período romântico, que os escritores brasileiros almejavam produzir uma literatura, que exprimisse de maneira adequada a sua realidade própria. Neste período, o poeta para ser nacional tinha que harmonizar as tradições indígenas com as portuguesas e a literatura se auto-conferia a tarefa de contribuir para a formação da nacionalidade.

Como afirma Antonio Candido, em sua *Formação da literatura brasileira*, “manteve-se durante todo o romantismo esse senso de dever patriótico, que leva os escritores não só a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso” (CANDIDO, 2006, p. 328). “Ao mesmo tempo que fundavam o projeto de literatura nacional”, observou o crítico português Abel Barros Baptista, “os românticos inventavam o Brasil” (2003, p. 24).

Em 1922, os nossos modernistas vão reencontrar a influência europeia por um mergulho no detalhe brasileiro, priorizando o caráter estético da nação, elaborando criticamente a nossa cultura, dando expressão ao nosso folclore, de maneira bastante irreverente, como Oswald e Mário de Andrade. Esse período foi responsável pela descoberta de símbolos e alegorias

bastante sugestivos da nossa cultura, como por exemplo, a antropofagia. A partir daí, o discurso sobre identidade cultural, sobre o nacional, perderia o cunho de totalidade, ressaltando-se a consciência das contradições internas.

Durante o período de consolidação da nação, vemos surgir, então, narrativas como *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), de José de Alencar, *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, e *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, que são consideradas pela crítica como narrativas de fundação: aquelas que tematizam a constituição da identidade cultural e da nacionalidade. Como bem resume Renato Cordeiro Gomes no ensaio “Cultura e Fundação: Modernismo, Antropofagia e Invenção”, “este tipo de narrativa surge nos países colonizados do Terceiro Mundo, no Romantismo, como uma essência conciliadora, tendo um aspecto não só artístico, mas também uma função política, social e ideológica”. (Gomes, 1998, p.80)

Depois do Modernismo, passadas as necessidades de auto-afirmação, as manifestações do nacional na literatura se tornaram cada vez mais espaçadas e individuais ou até mesmo residuais (no sentido oposto ao de dominante, como propõe Raymond Williams no ensaio “Dominante, residual e emergente”¹). É possível ver os contornos de um Brasil imaginado na década de 60 e 70 na literatura de Antônio Callado, que, em tom de denúncia e combate, atribui as mazelas nacionais à subordinação ao imperialismo das nações centrais.

Alguns anos mais tarde, em 1984, a ‘alma brasileira’ ressurgiu, talvez em sua última grande aparição literária, em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, que investe numa outra narrativa sobre o país e a identidade - diferente das tradições românticas de representação da nacionalidade e da antropofagia modernista -, ao tratar da violência que os rituais de dominação e a tradição dos discursos de identidade camuflaram e legitimaram (Cunha, 1998, p. 188).

Já a geração surgida a partir da segunda metade da década de 1990, de acordo com Beatriz Resende, coloca a literatura em sintonia com os tempos pós-modernos, tratando de novas subjetividades, da tensão entre o local e o global, da desterritorialização e do fim da barreira entre a alta cultura e a cultura de massa. O regime democrático possibilita que os novos criadores fiquem livres de qualquer necessidade de denúncia ou exaltação nacional reapropriada (2008, p. 24). É uma literatura marcada pela multiplicidade – de temas, formatos, linguagens e suportes.

Chegando ao final do século XX, os rumos tomados pela economia capitalista vão transformando a nação, tal como concebida pela modernidade, numa ficção desnecessária (FIGUEIREDO, 1999, 74). É o que se pode constatar ao analisar tanto as discussões veiculadas na imprensa acerca do projeto *Amores Expressos*, quanto os sete romances publicados até o momento: *Cordilheira* (Daniel Galera, 2008 – cujo destino foi Buenos Aires), *O filho da mãe* (Bernardo Carvalho, 2009 - São Petersburgo), *Estive em Lisboa e lembrei de você* (Luiz Ruffato, 2010 – Lisboa), *O único final feliz para uma história de amor é um acidente* (João Paulo Cuenca, 2010 – Tóquio), *Do fundo do poço se vê a lua* (Joca Reiners Terron, 2010 – Cairo), *O livro de Praga: narrativas de amor e arte* (Sérgio Sant’Anna, 2011 – Praga) e *Nunca vai embora* (Chico Mattoso, 2011 – Cuba).

***Amores Expressos* na imprensa: a nova patrulha literária**

O projeto *Amores Expressos* foi anunciado pela primeira vez em 17 de março de 2007, na *Folha de S. Paulo*, em matéria do repórter Cadão Volpato intitulada “Bonde das letras”. A

1 In: Literatura e Marxismo. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

reportagem informava que um grupo de 16 autores brasileiros² embarcaria para diversas cidades do mundo³ para escreverem histórias de amor nelas ambientadas e sugeria o deslumbramento que uma iniciativa dessas - um mês de viagem internacional com tudo pago - causaria na vida de um escritor nacional. Depois de tal temporada, os autores teriam ainda a chance de publicar suas histórias numa das maiores editoras do país, a Companhia das Letras. O texto informava ainda que o projeto fora idealizado pelo produtor cultural Rodrigo Teixeira (juntamente com o escritor João Paulo Cuenca), e que o custo, cerca de R\$ 1,2 milhão, seria financiado com recursos provenientes da *Lei Rouanet* de incentivo à cultura.

No dia seguinte, dia 18/03/2007, a *Folha* publicou carta do escritor Marcelo Mirisola, que ficou fora do projeto, questionando o critério de escolha dos autores e denunciando uma possível mania endêmica brasileira de confundir o público com o privado.

Vou reunir meus amigos de farra e pleitear uma grana da *Lei Rouanet*. Foi isso o que Rodrigo Teixeira e o escritor João Paulo Cuenca fizeram - e conseguiram R\$ 1,2 milhão (“Bonde das letras”, *Ilustrada*, 17/3). E, pra coisa não ficar tão ostensivamente chapa-branca, incluírei - além de mim - um ou dois figurões acima de qualquer suspeita no cardápio. Depois, basta procurar um editor generoso e idealista. Se for sócio de um banco, melhor. Só faltou um dado à reportagem: cada “escritor” embolsará R\$ 10 mil, além de estadia, passagens e traslados ao redor desse mundão de Deus. Um mês de vida boa. Espero que escrevam grandes livros e relatem suas experiências na festa de Paraty do próximo ano. Assim é que se faz literatura no Brasil.

Apesar de provocativa e irônica, a questão levantada por Mirisola não aponta para nenhuma irregularidade do projeto e sim para ‘ideologia do favor’, tão marcante nas relações nacionais, como bem sintetiza Roberto Schwarz, no clássico ensaio *As ideias fora do lugar*, publicado em 1977.

Na semana seguinte, outra matéria foi publicada no mesmo jornal com o título “Bonde do barulho”, relatando que escritores e blogueiros ao longo da semana tinham inundado a internet com acusações acerca de três pontos do projeto: supostamente reunir apenas amigos dos organizadores; a temática do amor, por ser um tema batido; e o fato de o projeto usar dinheiro público para financiar viagens internacionais⁴, a princípio desnecessárias.

Pensar se tais querelas são justas ou não me parece pouco produtivo. O que me desperta interesse nesse projeto é tentar pensar como o assunto nação vem perdendo a centralidade na literatura brasileira. Se para românticos e modernistas a literatura funcionava como cimento ideológico para construir a nação, em tempos de globalização, literatura e pátria estão divorciadas: em alguns casos, a nação já não serve sequer de cenário para a nossa literatura.

Nas reportagens mencionadas nada se disse a respeito de o projeto não contemplar cidades brasileiras, o que seria impensável para críticos como Gonçalves de Magalhães e José de Alencar. Também para os modernistas, a vida cultural e as paisagens brasileiras eram ingredientes elementares para a produção literária que quisesse se inserir na modernidade.

O que pretendo considerar é que se hoje a “patrulha” – comandada por jornalistas, editores, blogueiros e escritores contemporâneos - questiona os projetos literários no que diz

2 Matérias publicadas posteriormente anunciam 17 autores. André de Leones, participante do projeto, informou por e-mail que Marçal Aquino deixara o projeto por conta de compromissos pessoais e que fora substituído de última hora por outros dois escritores: Paulo Scott e Daniel Pellizzari.

3 Os autores e as cidades selecionadas foram: Adriana Lisboa (Paris), Daniel Galera (Buenos Aires), André de Leones (São Paulo), Lourenço Mutarelli (Nova York), João Paulo Cuenca (Tóquio), Joca Reiners Terron (Cairo), Cecília Giannetti (Berlim), Sérgio Sant’Anna (Praga), Reinaldo Moraes (Cidade do México), Paulo Scott (Sidney), Antônia Pellegrino (Bombaim), Daniel Pellizzari (Dublim), Bernardo Carvalho (São Petersburgo), Antonio Prata (Xangai), Chico Mattoso (Havana), Amílcar Bettega (Istambul) e Luiz Ruffato (Lisboa).

4 Em 08/05/2008, o *Globo Online* veiculou a matéria “Livros e documentários voltam na bagagem de viagem de 17 escritores brasileiros que participaram do projeto Amores Expressos”, informando que o produtor Rodrigo Teixeira havia desistido das leis de incentivo, assumindo metade dos custos, a outra metade seria assumida pela Companhia das Letras.

respeito a quem pegou ou quem perdeu o “bonde”, se o bonde tinha muitos benefícios ou não, se era movido a dinheiro público ou não, em outros tempos, no século XIX e início do XX, a patrulha monitorava a origem do bonde, se o bonde ia percorrer ‘autênticas’ paisagens brasileiras ou não, se ele transportava índios, negros, mestiços, ou seja, se o bonde tinha ‘a cara do Brasil’.

A partir das discussões que envolvem este empreendimento literário fica ainda mais patente que a representação da nação e a construção do imaginário nacional não ocupam mais o centro de um sistema de significação nem para a crítica e leitores, nem para escritores nacionais. Como já concluíra Roberto Schwarz no ensaio *Nacional por subtração*, com a invasão estrangeira pós-comunicação de massa, discussões sobre nacionalidade e autenticidade fazem papel de velharia (SCHWARZ, 1987, p. 34).

Amores Expressos: narrativas do não-pertencimento

Enquanto os projetos literários do período de consolidação da nação apostavam na fixidez, na construção das nacionalidades, nas identidades centradas, nas grandes narrativas do passado e nas utopias de um futuro promissor, a literatura contemporânea, por sua vez, é esta marcada pela mobilidade espacial, pela desconstrução dos conceitos de nacional e universal, pelas identidades múltiplas e cambiantes, por narrativas sem a preocupação ou pretensão de abordar uma totalidade e por uma incômoda desconfiança no passado e pouca confiança no futuro.

Para mapear a literatura surgida no final do século XX, na coletânea de ensaios *Contemporâneos*, a crítica Beatriz Resende, chama a atenção para algumas questões predominantes. São elas a violência, a presentificação e o retorno ao trágico. Por vivermos num momento de descrença nas utopias que remetiam ao futuro e de fim da valorização da história e do passado, o que agora vemos é o presente emergir das narrativas literárias, e nas artes em geral, de uma maneira surpreendente. “Há, na maioria dos textos, a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente que contrasta com o momento anterior” (2008, p. 27).

As narrativas de *Amores Expressos* reafirmam essa urgência do presente e do trágico da vida na metrópole quase sempre hostil. O passado de lembranças e o futuro utópico - que garantiam a coesão das “comunidades imaginadas” - dão lugar a um presente imediato, fugaz e solitário. As antigas formas de “camaradagem horizontal”, aquelas que faziam os sujeitos criarem raízes em suas pátrias, são substituídas nesses romances por um individualismo desconcertante de sujeitos à deriva.

De um modo geral, as comunidades imaginadas pelos protagonistas dos romances do projeto (Anita, Ruslan e Andrei, Serginho, Shunsuke, Wilson/Cleópatra, Antônio e Renato) são esvaziadas de um sentido reconfortante de apego ao passado e de esperança no futuro e o presente surge sob o signo da ruína, que marca tanto o espaço físico, na maioria dos romances, quanto as relações pessoais e amorosas das personagens.

Em *Cordilheira*, de Daniel Galera, por exemplo, a vida de Anita é marcada por sucessivas perdas: da mãe ainda no parto, do pai num acidente de carro, de uma grande amiga que se suicida e, por último, do bebê que esperava. Ao contrário, por exemplo, daquela Iracema, criada por José de Alencar, em cujo solo virgem, o branco Martim deposita a sua semente para gerar Moacir, o primeiro brasileiro, a protagonista de *Cordilheira* não consegue procriar. Perde seu bebê num aborto espontâneo. Seus planos de futuro não se realizam e o presente se apresenta como um lugar inóspito e pouco fecundo, em que a errância e a solidão se fazem mais e mais presentes.

No romance de Carvalho, *O filho da mãe*, a ruína está por toda parte: a cidade natal de Ruslan tornou-se “um campo fétido de corpos desmembrados que se amontoavam na terra revolvida da vala comum na periferia de Grózní” (CARVALHO, 2009, p. 38), onde a avó Zainap chega a esquecer quem morreu e quem ainda vive e faz uma lista para não confundi-los (Idem, p. 23); em sua casa, nas janelas, no lugar onde uma vez houvera vidros, foram estendidos plásticos azuis que, na medida do possível, se não os isolavam do frio, pelo menos os protegiam do vento. Os buracos (de tiros) nas paredes foram preenchidos com sacos de areia e cobertos com pedaços de papelão (Idem, p. 26). A universidade que Ruslan frequentara antes de migrar para São Petersburgo tampouco escapa dos bombardeios. Sua primeira noite de sexo, com o namorado Akif, no vagão de um trem abandonado, a ruína funciona inusitadamente como afrodisíaco. “A ameaça de serem descobertos, associada ao perigo dos bandidos e ao risco de serem alvejados, dava afinal um sentido heróico e rebelde à juventude que não viveram por causa da guerra” (CARVALHO, 2009, p. 38).

A relação mãe e filho também é implodida pela narrativa e aparece sob o signo da devastação: “um filho dá e tira a vida ao mesmo tempo”, sobretudo “quando a criança se interpõe entre ela e o mundo de onde ela veio, e a impede de voltar a ser quem ela era”, diz em certo momento a avó de Ruslan (Idem, 42). Anna, a mãe, é uma mulher seca, uma mulher destruída que fecha a porta na cara do filho e pede que ele nunca mais a procure.

As perdas do Serginho, de Ruffato, em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, também fazem de sua vida uma ruína. Ao parar de fumar ele vê as coisas degradingolarem. Com o falecimento da mansa D. Zizinha, sua mãe, sem a guarda do filho, sem a malfalada esposa e sem trabalho, parte para Portugal em busca de melhores condições de vida. Lá, no entanto, não consegue juntar dinheiro para voltar e ainda tem o seu passaporte extraviado. Como os outros imigrantes, ele fica preso a Lisboa. Pouco a pouco seu sonho de ser enterrado com dignidade em sua terra natal, de ganhar uma cerimônia bonita, com missa de corpo presente “caixão de madeira, alças douradas, túmulo de mármore com retrato inscrito o nome, a data de nascimento e falecimento” vai se esvaindo. É bem mais provável que, sem ninguém saber de seu paradeiro, seja enterrado como indigente, jogado numa cova rasa e sem identificação (RUFFATO, 2009, p. 42).

A Lisboa que Serginho imaginava, através das histórias do Seu Oliveira (o português de Cataguases, sua terra em Minas), é bem diferente da encontrada: está repleta de pobres diabos, imigrantes desalentados, que sequer podem aspirar a serem enterrados no lugar onde nasceram. Como lembra o seu colega Rodolfo, os imigrantes não são nada em Portugal; e no Brasil, nada também: “Eta paisinho de merda! Pra se dar bem o cabra tem que ser político ou bandido, que é quase a mesma coisa aliás [...] porque o trabalhador, àquele que bate-cartão ou que capina sol a sol, este morre à míngua”, lamenta o amigo (Idem, p. 78).

Numa narrativa bastante fragmentada, Cuenca, em *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, representa uma Tóquio *hi-tech*, habitada por “moscas humanas”, estudantes embriagados, vagabundos de todos os quilates e uma multidão de estrangeiros perdidos como baratas no bar, sendo incansavelmente abordados por intermediários multiétnicos de drogas e mulheres (2010, p.28).

O Cairo de Terron, em *Do fundo do poço se vê a lua*, também se apresenta como um “amontoado de ruínas de algo que se passou há muito tempo” (TERRON, 2010, p.199). O que o/a protagonista (trata-se de um transexual) encontra é uma megalópole degradada - com milhares de bazares e prédios próximos de desabar - e dividida: de um lado o terreno sagrado do Islã e de outro o fantasma cosmopolita e liberal; povoada por malandros profissionais do turismo, pequenos traficantes de haxixe e heroína, estudantes da Universidade Americana, mendigos em andrajos, aleijados de uma perna só dependurados em muletas, mulheres

banguelas com bebês moribundos no colo.

O clima quente, a tempestade de areia vinda do deserto (*El Khamasin*), que “penetra cada orifício do corpo sem pedir” (TERRON, 2010, p. 195) e a ausência de cores na cidade outrora conhecida como “mãe do mundo” são sufocantes. “Aqui tudo é cinza como é cinza a areia do deserto” (Idem, p. 27), lamenta o narrador. “O único vestígio de cor é o vermelho estilhaçado de um antigo outdoor da Coca-cola que foi ao chão” (TERRON, 2010, p.24-25).

A Praga de Sérgio Sant’Anna, em *O livro de Praga: narrativas de amor e arte*, parece menos caótica. A desordem e a ruína se manifestam mais nas relações amorosas (leia-se sexuais) do solitário e desenraizado protagonista, o escritor Antônio Fernandes: uma pianista misteriosa, uma suicida, uma policial sadomasoquista, uma boneca de pano, uma estátua da Santa Francisca, mulheres/coisas com as quais o protagonista vive relações ultra-expressas.

Na mesma linha de ruína amorosa segue a narrativa de Chico Mattoso que narra a história de um dentista frustrado que se muda para Cuba para acompanhar a namorada cineasta. Após o obscuro sumiço da moça, o narrador segue vagando pelas ruas de Havana – entre a cidade ‘autêntica’ e a ‘cartão postal’ - feito mosca morta. Os sentimentos de obsessão e paranóia na busca pela namorada desaparecida vão aos poucos dando lugar à prostração e a inércia. Ao ser perguntado o que ele tem feito, o narrador responde: “O mínimo possível, Camila. O que eu tenho feito é isso: o mínimo possível” (MATTOSO, 2011, p. 126).

As comunidades representadas nos romances de *Amores Expressos* são asfixiantes como a situação dos marinheiros da tragédia do submarino nuclear *Kursk*, narrada por Bernardo Carvalho em *O filho da mãe*, na qual a tripulação fica presa nas profundezas do mar de Bárents, sufocando conforme o ar se consome no interior do submarino avariado, encurralados no fundo do mar, a quilômetros das paisagens desoladas da costa do norte (CARVALHO, 2009, p. 50).

Neste mundo pós-utópico, o que vemos nestas narrativas são essas personagens afundando, afundando, sem nem sequer pedirem socorro pois a esperança foi substituída por um presente trágico, hostil, empoeirado e impositivo. Personagens deslocadas, que veem se desfazerem seus vínculos com a terra natal, marcados pelo sentimento de não-pertencimento a qualquer espaço, a qualquer esfera de identidade palpável e que buscam em vão um lugar mais habitável.

Para construir suas “comunidades imaginadas”, os autores aqui mencionados em vez de usarem o “cimento ideológico” característico da modernidade, usam pequenas bananas de dinamite produzindo narrativas em que a unidade moral, mental e cultural das nações e das personagens são implodidas, revelando comunidades e seres globalizados e arruinados. Ao contrário do que escreveu Jameson a respeito da literatura do ‘terceiro mundo’, tais romances em vez de representarem alegorias nacionais, revelam uma nova era de fronteiras menos explícitas sob a ótica de protagonistas que não pertencem a nenhum lugar, mas ao aqui e agora.

Referências Bibliográficas:

ABOS, Márcia. Livros e documentários voltam na bagagem de viagem de 17 escritores brasileiros que participaram do projeto ‘Amores Expressos’. In: Globo Online, 8/05/2008. http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2008/05/07/livros_documentarios_voltam_na_bagagem_d_e_viagem_de_17_escritores_brasileiros_que_participaram_do_projeto_amores_expressos_-427256441.asp - Acesso - Nov. 2008.

AHAMAD, Aijaz. Retórica da alteridade de Jameson e a “alegoria nacional”. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, nº 22. Out. 1988.

BAPTISTA, Abel Barros. A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

CANCLINI, Néstor García. A globalização imaginada. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

CANDIDO, ANTONIO. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARVALHO, Bernardo. O filho da mãe. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CUENCA, João Paulo. O único final feliz para uma história de amor é um acidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CUNHA, Eneida Leal. Literatura e identidade. In: *Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*. Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Letras e Artes, n. 1 (1997 - 1998). Ilhéus: Editus, **1998**.

FIGUEIREDO, Vera Follain. Central do Brasil – Em busca da terra prometida. *Cinemais*, n. 15, jan. / fev. 1999.

GALERA, Daniel. Cordilheira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOMES, Renato Cordeiro. "Cultura e fundação: Modernismo, Antropofagia e Invenção". In: *Cultura & Imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de ideias*. Org. Everardo Rocha. Rio de Janeiro: Editora Muad / Finep, 1998.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fréderic. “A literatura do terceiro mundo na era do capital Multinacional”. *Revista Social Text*, nº 15, versão 1986, p.65-88.

MATTOSO, Chico. Nunca vai embora. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MIRISOLA, Marcelo. Bonde das letras. In: *Folha de S. Paulo*, seção Opinião, 18/03/2007.

ORTIZ, Renato. Globalização, modernidade e cultura. In: *Revista Semear* 6, Cátedra Padre Antônio Vieira, PUC-Rio, 2002.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RUFFATO, Luiz. Estive em Lisboa e lembrei de você. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANT’ANNA, Sérgio. O livro de Praga: narrativas de amor e arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHWARZ, Roberto. Ideias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.

_____. Nacional por subtração. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das

Letras, 1987.

SIMÕES, Eduardo e Sylvia Colombo. Bonde do barulho. In: Folha de S. Paulo, Ilustrada, 24/03/2007.

TERRON, Joca Reiners. Do fundo do poço se vê a lua. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VOLPATO, Cadão. das Letras. In: Folha de S. Paulo, Ilustrada, 17/03/2007.

Autor(a):

Rosana Corrêa Lobo (Doutoranda).
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) – Departamento de Letras.
rosanaclobo@gmail.com